

PAINEL TEMÁTICO 04 - POLÍTICAS DE REPRESENTAÇÃO E MÍDIAS  
INDÍGENAS - COMUNICAÇÃO E MÍDIAS

**A DE(S)COLONIZAÇÃO DAS IMAGENS E DO IMAGINÁRIO A PARTIR DO  
CINEMA DE OLINDA MUNIZ WANDERLEY**

*Andrielle Cristina Moura Mendes Guilherme (andriellecmmg@gmail.com)*

Neste trabalho, apresento uma análise fílmica do curta metragem Equilíbrio, dirigido pela cineasta indígena Olinda Muniz Wanderley, do povo Tupinambá/Pataxó Hãhãhãe, e discuto como obras produzidas por realizadores indígenas podem contribuir para uma de(s)colonização das imagens e do imaginário a partir de suas subjetividades e vivências. De acordo com o estudo Diversidade de Gênero e Raça nos lançamentos brasileiros de 2016 (publicado em 2018 pela Agência Nacional de Cinema, Ancine) , homens negros dirigiram apenas 2,1% dos 142 longas-metragens nacionais lançados comercialmente em 2016, enquanto mulheres negras e homens e mulheres indígenas não assinaram a direção de nenhum dos filmes. Apesar de tamanho apagamento, grupos subalternos – colonizados – não têm sido nem vítimas passivas nem tampouco cúmplices voluntárias/os da dominação (Kilomba, 2019). Subrepresentados nos circuitos hegemônicos, os realizadores indígenas têm formado coletivos para mostrar o seu dinamismo e “reafirmar suas identidades coletivas e diferenciadas, seja na luta pelo respeito àquela diversidade” (Delgado; Jesus, 2018, p.18). Na luta por reconhecimento e pela defesa dos direitos indígenas, lideranças de diferentes etnias agem, estrategicamente, no sentido de tornar o audiovisual um dispositivo central da afirmação cultural dos povos indígenas, propiciando a emergência de um

cinema decolonial que apresenta suas singularidades no “campo” [domínio da imagem] e no “ante-campo” [domínio das estratégias de produção] (Costa; Galindo, 2018, p. 21). Segundo Costa e Galindo (2018), a emergência do cinema indígena configura-se como um dispositivo relevante na esfera das lutas sociais e dá vigor a um campo de discurso que concorre com a representação depreciativa construída historicamente sobre os povos indígenas do país. “Com o audiovisual indígena, o olhar do outro - não indígena - sobre os povos originários é colocado em xeque” (Costa; Galindo, 2018, p. 28). Por consolidar imagens e fomentar imaginários, as narrativas audiovisuais vêm se tornando uma arena estratégica de confrontos simbólicos dos quais os indígenas também querem participar, “não apenas como figurantes e fornecedores de histórias para documentaristas, pesquisadores e cineastas, mas como atores e produtores audiovisuais de sua própria existência” (Jesus; Moreira, 2018, p. 83). Tendo em vista este contexto, nos propomos, neste trabalho, a identificar como a realizadora audiovisual Olinda Wanderley conjuga imagens linguísticas e visuais para disputar narrativas a fim de fomentar imaginários outros. Conclui-se que o cinema indígena não só parece enfrentar os estereótipos que recaem sobre os sujeitos indígenas, como também os preconceitos que recaem sobre suas práticas sociais e circulação de sentidos.

#### Referências:

COSTA, Gilson Moraes da; GALINDO, Dolores. Produção audiovisual no contexto dos povos indígenas: transbordamentos estéticos e políticos. In: DELGADO, Paulo Sergio; JESUS, Naine Terena de. (Orgs) Povos indígenas no Brasil: Perspectiva no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual. Curitiba, PR: Brazil Publishing, 2018. pp. 21-50

DELGADO, Paulo Sergio; JESUS, Naine Terena de. (Orgs) Povos indígenas no Brasil: Perspectiva no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual. Curitiba, PR: Brazil Publishing, 2018.

JESUS, Naine Terena de; MOREIRA, Benedito Diécio. Comunicação e cultura: dimensão pedagógica das narrativas indígenas em audiovisual. In: DELGADO,

Paulo Sergio; JESUS, Naine Terena de. Povos indígenas no Brasil: Perspectiva no fortalecimento de lutas e combate ao preconceito por meio do audiovisual. Curitiba, PR: Brazil Publishing, 2018. pp. 81-100

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

Palavras-chave: mídia; cinema; cinema indígena; descolonização das imagens; produção de imaginários.